

O CRONISTA E O GEÓGRAFO: AUTOBIOGRAFIAS URBANAS AFETIVAS E SABERES NA CIDADE DE SOBRAL - CE BRASIL

Raimundo Freitas Aragão
Universidade Federal do Ceará – UFC, Departamento de Geografia
Fortaleza, Ce, Brasil
ararageo2007@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conectar geografias autobiográficas existenciais apoiadas em formas de saberes e de afetividades. Propõe explorar saberes geográficos embasados em conhecimentos vernaculares da literatura cronista e veiculares da ciência geográfica. Neste sentido, procura evidenciar conexões entre duas autobiografias: primeiramente, a de um escritor radicado em Sobral e, em um segundo momento, a de um geógrafo nascido na mesma cidade. Dimensão afetiva da experiência do espaço, saberes geográficos vernaculares e saberes geográficos veiculares acadêmicos são termos-chaves; há fortes interconectividades entre os sujeitos em suas existências particulares, cujos significados explicam as dimensões existenciais como fatos geográficos. A metodologia debruça-se tanto sobre a interpretação existencial das imagens e das paisagens urbanas vividas quanto sobre a busca de suas essências ou de realidades espaciais as quais mais se aproximam do que se distanciam. Ressalta-se que geografia e existências estabelecidas sob saberes particulares e afetividades fazem parte da essência humana no espaço e integram a produção do conhecimento, daí a necessidade de ultrapassar limites científicos metodológicos reducionistas.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Cidade de Sobral. Saberes. Afetividade.

THE CHRONICLER AND THE GEOGRAPHER: AFFECTIVE URBAN AUTOBIOGRAPHIES AND KNOWLEDGE IN THE CITY OF SOBRAL - CE BRAZIL

ABSTRACT

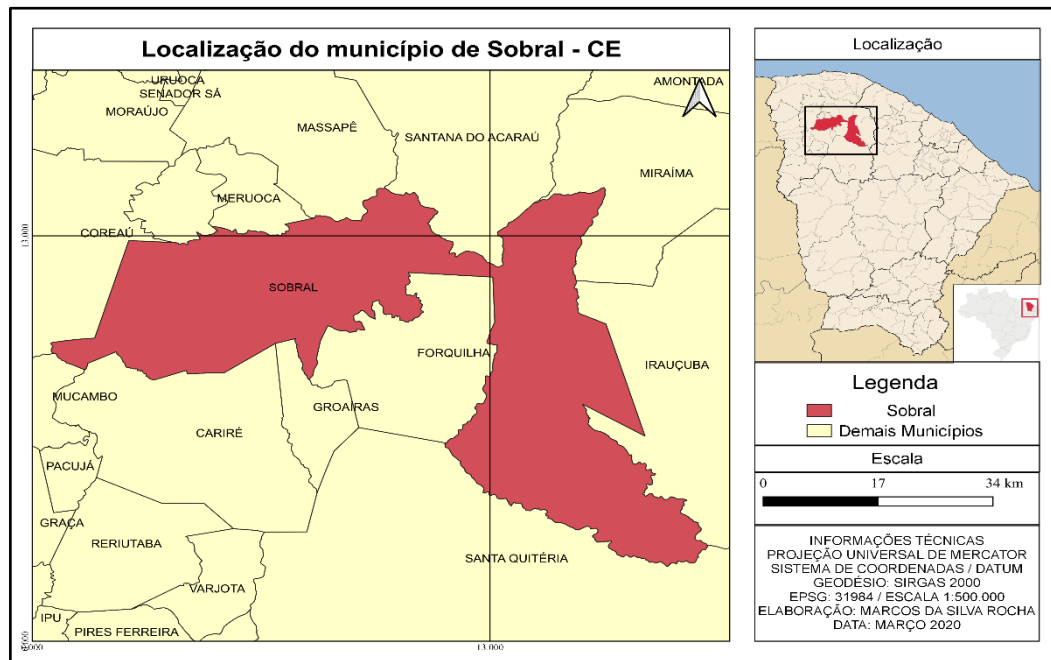
This article aims to connect existential and autobiographical geographies supported by forms of knowledge and affectivity. It proposes to explore geographical knowledge based on vernacular knowledge of chronic literature and vehicular knowledge of geographical science. In this regard, it seeks to highlight connections between two autobiographies: first, that of a writer rooted in Sobral, and second, that of a geographer born in the same city. The affective dimension of space experience, geographic vernacular knowledge, and academic vehicular geographic knowledge are key terms; there is strong interconnectivity between subjects in their particular existences whose meanings explain the existential dimensions as geographical facts. The methodology focuses on the existential interpretation of images and urban landscapes experienced and the search for their essences or spatial realities, which are closer to what they are. It emphasizes that geography and existences established under particular knowledge and affectivities are part of the human essence in space. They are part of the knowledge production, hence the need to overcome reductionist scientific methodological limits.

Keywords: Geography. Literature. City of Sobral. Knowledge. Affectivity.

INTRODUÇÃO: PROTAGONISMO E CAMINHOS PARA A INTERLOCUÇÃO ENTRE SABERES VERNACULAR, VEICULAR E AFETIVIDADE

A elaboração deste artigo busca evidenciar interlocuções e ultrapassar possíveis tensões que possam vir a existir entre campos de saberes, os quais ainda podem ser vistos como díspares: literatura e geografia, ou melhor, saberes comuns e saberes científicos em um mesmo contexto espacial em Sobral, cidade de médio porte localizada no Noroeste do estado do Ceará (Figura 1).

Figura 1 - Localização da cidade de Sobral no estado do Ceará



Fonte: Arquivo do autor, 2020.

Tem como objetivo conectar geografias autobiográficas existenciais, ou seja, relatos de experiências de vida apoiados em forma de saberes e de afetividades. Pretende destravar conflitos no que concerne à autobiografia ou ao autotestemunho percebidos como não científicos. As reflexões conduzem sobre os saberes da literatura cronista e os saberes veiculares da geografia, ambos no escopo da construção de afetividades a partir do espaço urbano. A discussão central destaca, portanto, as íntimas relações existenciais de dois “sobralenses”, os quais tiveram a oportunidade, sob a perspectiva de seus saberes e afetividades particulares, de viverem e experimentarem o mesmo espaço.

O suporte teórico em geografia é orientado pelo que se entende por “dimensão afetiva da experiência espacial” (Damery, 2008) e pelos saberes ou conhecimentos ditos vernacular e veicular (Collignon, 2005; Monnet, 1999). O suporte teórico tem com o intuito de fornecer elementos para o direcionamento metodológico, pois se trata de “biografar a si próprio”, ou de fornecer subsídios reflexivos para a produção pessoal do espaço, a própria identidade territorial no urbano a partir do ser, precisamente a fenomenologia ontológica do espaço (Bachelard, 1993; 2001). Trata-se de experiências territoriais existenciais em um mesmo espaço citadino.

As interlocuções entre os saberes vernacular e veicular de dois “sobralenses” e suas autogeografias afetivas requerem apresentações pessoais. O primeiro trata-se do jornalista e escritor Francisco José Lustosa da Costa, ou, Lustosa da Costa, cajazeirense do estado da Paraíba, radicado em Sobral em 17 de setembro de 1942, quando tinha quatro anos de idade, acompanhado da família. Veio fixar residência por força laboral paterna. Ao longo de sua trajetória, ainda como criança, depois adolescente e, por fim, profissional jornalista e escritor, os cenários da urbanidade sobralense foram destacadamente fontes de exploração, de inspiração e de imaginação (Costa, 1982; 1996; 1999; 2004). Lustosa da Costa não objetivava ser “historiador”. Dizia ele que todo historiador é levado à perfeição; por isso se autodeclarou cronista, um cronista urbano com “licença poética” (Amorim, 2008). Lustosa da Costa escreveu crônicas existenciais levadas a cabo pela sua forte afetividade territorializada em Sobral, como também pela constante busca de compreensão da realidade social sobralense, sejam elas cotidianas, políticas ou religiosas.

Muitas de suas crônicas o mantiveram circunscrito, sobretudo, em sua vida pessoal, predominando a caracterização dos elementos espaciais, da adjetivação e da linguagem metafórica. Ele recupera a história local, por meio de seus personagens e ações no tempo e usa a linguagem poética voltada à emoção e aos sentimentos. Lustosa da Costa analisa, ainda de forma subjetiva, temas e situações da urbanidade sobralense e expõe sua veia humorística quando trata de assuntos políticos, religiosos e

costumes sociais, bem como quando faz comentários dos acontecimentos, acumulando fatos diferentes e díspares (Santos, 2016). Por isso, Lustosa da Costa é um cronista completo.

O segundo, Raimundo Freitas Aragão, geógrafo nascido nessa mesma cidade, atua profissionalmente na área da Administração Ambiental e Educação Pública, pesquisando e publicando artigos em parceria sobre o espaço urbano de Sobral e suas transformações no bojo das políticas culturais, as quais são responsáveis pela modificação da imagem patrimonial da cidade e da Administração Pública (Aragão e Rocha, 2019; Rocha e Aragão, 2020; Aragão e Rocha, 2021).

A partir dessa apresentação, surge a problematização: podem-se relacionar as ferramentas de um cronista com as de um geógrafo, ambos preocupados com a experiência de vida pessoal e espacial? Ou os saberes vernaculares, apoiados na literatura cronista, e os veiculares, apoiados na academia, convergem para as geografias afetivas no panorama da urbanidade sobralense? A resposta positiva é um passo metodológico a ser exposto, já que a crônica é uma forma literária, um gênero textual tratando dos aspectos do cotidiano. A geografia literária aborda as relações entre o conteúdo de uma obra e a experiência espacial de seu autor e nela se colocam as crônicas e as experiências espaciais do geógrafo no contexto das duas existências, no mesmo espaço urbano, porém diferenciando-se em períodos distintos.

Abre-se espaço para a introdução conceitual. Para Claire Damery (2008, p. 273), “a dimensão afetiva da experiência seria ao mesmo tempo, um meio pelo qual o indivíduo constrói a experiência dos valores, e uma expressão significativa de sua relação com o mundo”. Para ela, não basta orientar-se somente pelos modelos conceituais da neurologia, da psicanálise ou da psiquiatria para compreender os afetos em suas dimensões sociais e culturais. A importância da geografia afetiva da experiência do espaço é a de que ela é responsável pelas características morais em relação ao ambiente, a um evento tanto no passado, quanto no presente ou futuro, complementa, seja esse evento real ou imaginário.

Saberes vernaculares estão intimamente imbricados à experiência espacial, pois é sua condição de existência. Eles são “[...] um envolvimento de todos os sentidos, que os fundem em uma experiência ontológica do espaço e do meio. Eles são necessariamente subjetivos e contextualizados, e só podem ser senão plurais” (Collignon, 2005, p. 325). Os saberes vernaculares são os conhecimentos do geógrafo não profissional, aquele, com sua geografia interna elaborada durante suas vivências ou experiências espaciais, como Lustosa da Costa relata em suas crônicas.

Monnet (1999) vai mais além, ao afirmar que toda ação sobre o mundo é produtora e produto do saber sobre o mundo, daí a não separação radical entre o vernáculo e o veicular. O geógrafo profissional é, antes de tudo, um cidadão comum, produtor e produto da experiência espacial e que conserva em si uma geografia pessoal. Sendo a organização do espaço de múltiplas retrodeterminações ou representações-ações, a geografia vernacular é, ao mesmo tempo uma geografia veicular, um saber e objeto desse saber, reafirma o geógrafo. Desse modo, tanto os conhecimentos transcritos na literatura cronista, por intermédio do saber geográfico vernacular, quanto os conhecimentos ou saberes geográficos veiculares estão perfeitamente associados, pois, constituem enraizamentos culturais e de saberes na experiência de vida em sociedade.

Assim, este estudo é uma exploração do autotestemunho de um cronista, quer dizer, um ajuntamento da geografia vernacular ou pessoal de um escritor, explícita em sua obra “Sobral do Meu Tempo”, publicada em 1982. Da mesma forma, perscruta depoimentos autotestemunhais narrativos de algumas das vivências de um geógrafo acadêmico que nasceu e ainda troca e constrói fortes laços geográficos afetivos com a cidade onde nasceu. Pretende-se mostrar as combinações e os entrelaçamentos afetivos a partir de conhecimentos e saberes que poderiam ser vistos como distintos, porém não divergem entre si.

O artigo está organizado em quatro partes: a primeira é esta introdução. Além de apresentar os protagonistas, discute o que se entende por dimensão afetiva da experiência espacial e como a disciplina a percebe; do mesmo modo, versa sobre saberes vernaculares e veiculares. A segunda parte apresenta a autobiografia ou “geografia viva” do escritor cronista Lustosa da Costa, por intermédio de sua obra intitulada “Sobral do meu tempo”, para, a partir dela, demonstrar como seu saber geográfico vernacular e sua afetividade pela cidade de Sobral foram apresentados em forma de crônicas. Na terceira parte, a “geografia viva” do geógrafo Raimundo Freitas Aragão é exposta utilizando-se dos relatos de sua existência na mesma cidade. A geografia humanista é o fio condutor. Exemplos das experiências de sua vida em Sobral estão sob a égide da geograficidade, conceito utilizado pela geografia humanista, reforçado por relatos de vida pessoais, sem deixar de acrescentar as vivências a partir de uma geografia interna ou vernacular. Na última e quarta parte, estão as considerações finais.

O GEÓGRAFO VERNACULAR, A DIMENSÃO AFETIVA DA EXPERIÊNCIA E A GEOGRAFIA DE SOBRAL NA LITERATURA CRONISTA

“Sobral não é só cidade, é uma lembrança que ouço chorar baixinho...” (Costa, 1982, p. 73).

A citação de Lustosa da Costa não é apenas uma declaração. É uma densa e “dolorosa” afirmação do afeto o qual ele nutria pela cidade de Sobral, sendo parte dela. Sentimento esse reforçado desde criança. Sobral parecia estar determinada em ser sua “Terra Prometida”, de vida e literária. A dimensão afetiva da experiência espacial primordial, aquela de sua infância, também se consubstanciava em uma geografia vernacular primeva.

Para se inteirar nas dinâmicas literárias em relação a determinados autores, entre eles, os cronistas, faz-se necessária a imersão do leitor em suas obras. A literatura cronista é uma fonte de significação e de interpretação, pois o escritor está inserido tanto no mundo real, de vivência, quanto no mundo da imaginação, de criação. Por isso, um escritor tem, necessariamente, que imaginar (Saramago, 2006). A literatura cronista produz e reproduz sentidos, conduz, cria e recria os diversos ritmos dos fatos históricos ao longo dos tempos. O escritor cronista é um construtor de significados desvelando ritmos de realidades social e pessoal.

O objeto da literatura é a escritura da condição humana no mundo, um mundo concebido não como um conjunto geográfico contínuo, estreito, de escala constante, mas desenhado pelo autor para suas necessidades de causa, de sua problemática, o que inclui suas fronteiras, seus limites e suas transgressões. [...] a literatura atua sobre o registro do implícito, um registro implícito repousando sobre uma base de interconhecimento e de intercompreensão com o leitor. Para que se estabeleça um processo de identificação entre o leitor e a matéria viva de sua leitura, para que esta suscite uma adesão, uma paixão – o objetivo de toda obra de arte –, uma alquimia complexa e por vez misteriosa se desenvolve entre o leitor e sua leitura (Lévy, 1997, p. 30).

Ainda para Lévy (1997, p. 35) “A literatura é muitas vezes o resultado de uma busca pessoal, de um trabalho de aprofundamento sobre o mundo, sobre os laços afetivos que a ele nos ligam [...]”, detalhes que são confessados por Lustosa da Costa na crônica intitulada “Fantasia de Menino”, do livro “Sobral do meu tempo”, editado em 1982. Nela, o autor delinea, em reminiscência, a fase de menino já enraizado intimamente no solo sobralense, um jovem estudante em busca de conhecimento. O relato das experiências espaciais construindo territorialidades faz revelar a espessura existencial de um ser-no-mundo. Lustosa da Costa soube muito bem descrever suas relações de vida e de vivências com a cidade que o bem acolheu.

Ainda o vejo cavalgando um velho cavalo rumo à escola. Saía de casa descendo uma várzea ornamentada de vegetação nativa, em que proliferam mata-pastos e beldroegas. Tomava a estrada de terra batida, por onde trafegava, vez por outra algum carro. No inverno, com dificuldade, desviava-se dos atoleiros. No verão, dos buracos. E lá se ia, cabeça tão cheia de pensamentos, que às vezes detinha o animal, sem querer, ou lhe reduzia a marcha, em seu caminhar entre cercados e fileiras irregulares de juremas e sabiás. Ali e acolá, um pau branco espargindo brancura pelas flores que eram muitas. Adiante, cruzava um córrego que somente nos invernos mais intensos ficava cheio, impedindo a passagem de veículos. Como era agradável às crianças esse banho, em que se deixavam arrastar, uns poucos metros, na pacífica correnteza! Oiticicas antigas, talvez centenárias, debruçavam sua sombra sobre o regato – sombra escura de árvore escura – crescida no úmido e envelhecida pelo beijo das águas passantes e boêmias.

Depois ganhava a estrada real, pedregosa e ressequida, em meio a descampados onde o gado erguia um olhar vazio de esperança, para a cidade mais próxima, até encontrar, em toda sua lúgubre aparência, o matadouro – prédio esguio, cinzento, em torno do qual corvejavam, em voos preguiçosos, espaçadas levas de urubus, tingindo o céu de azul cinza.

Chegava, enfim, à estação de trem, à Santa Casa, à cancela da rodoviária e, logo, estava dentro da cidade. Era bem cedo, mas já podia ver as primeiras casas abertas, aquele murmúrio precocemente cansado dos lugarejos, os velhos de pijama na calçada, jumentos que carregavam, pendurados em cada lado da cangalha, duas pipas de madeira para transporte de água. Uma grande pasmaceira em tudo! Rumava, então, de volta para casa, deixando para trás a alimária passada de anos, umidade e

suor. Em período de estudo, ia diretamente para o colégio, onde ouvia e prestava atenção a qualquer coisa, menos ao que dizia a professora¹ [...] (Costa, 1982, p. 45).

Ao resgatar a infância, o cronista mostra o desabrochar dos afetos ainda a serem amadurecidos. Quando traz de volta a gênese de sua geografia primordial, por intermédio da experiência espacial em forma de crônica, a cidade parece que já estava consolidada em seu íntimo. O teor poético enriquece o saber vernacular de Lustosa da Costa. Esses detalhes minuciosos dos locais, dos ritmos da vida e de suas experiências geográficas pessoais foram essenciais para a construção afetiva do lugar. Mesmo não tendo nascido nele, o teor de pertencimento é verdadeiro. Aqui, nesta crônica de infância, Lustosa da Costa não inventa e não cria fatos novos, como sempre fez. O texto é real e ele recorre às suas vivências e às suas lembranças, somente as recheando de uma “intensidade expressiva” (Dardel, 2011). Trata-se de uma literatura cronista realista. Ele detalha a espacialidade do lugar a partir de sua organização e de seu processo de formação, do ambiente físico, da estrutura social e dos costumes, como também o poder da geograficidade pessoal, pelo fato de que a literatura, em geral, é capaz de revelar “[...] laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações, imaginários, sentidos, identidades e afetividades” (Cavalcante, 2020, p. 194), o que quer dizer: “existências”.

A arquitetura do centro histórico sobralense, atualmente tombado como patrimônio artístico nacional, foi forte componente afetivo para Lustosa da Costa. A partir dos antigos casarões, são recuperadas memórias de sua existência pessoal e familiar. A adolescência o levava a tê-los como verdadeiros labirintos infinitos, preenchidos de mistérios e simbologias, onde se pode imaginar e bem caberia a presença clássica de um “Minotauro” e a necessidade de um fio de Ariadne para adentrar ao mundo da razão. Lustosa da Costa narra sua existência enquanto ser em ascendência, existência tão ou mais misteriosa quanto os casarões poderiam, por si só, desenvolver sensações peculiares e criar imaginários.

Ah, os velhos casarões de nossa infância! A primeira casa de que me lembro era um sobrado: meio quarteirão de fundos, dois altos andares, vinte e tantos quartos, sombrios corredores. O quintal era quase um latifúndio. No assoalho de tábuas corridas ouvia-se, de madrugada, o “trottoir” inquieto de ratos invisíveis. Havia um terror constante de almas de outro mundo. Várias gerações conheceram a estória de um negro que fora enforcado debaixo da alongada escada desse casarão. Por isso sua alma penada promovia ruídos e agitação, perturbando o sono dos brancos.

Tempos depois outra casa. Dessa vez térrea e comprida a mais não poder. Em seus corredores podia-se, até jogar futebol. Menino tímido e solitário, acostumara-me a brincar sem companheiros. Só deixava correr solta toda a criatividade guardada dentro de mim. Galgava impossíveis cumeeiras pregadas lá bem no alto. Casarão que se preze tem sótão e porão. No meu, o telhado tinha uma telha de vidro, por onde um sol implacável coava seus raios fugidios. Havia um mundo de papeis, de objetos abandonados por antigos moradores, jornais de passado remoto, trastes inúteis para os adultos, mas verdadeiros para minhas fantasias. E os porões? Ah, os porões da minha infância, repletos de ignotos mistérios! O primeiro cigarro fumado às escondidas e que tinha o gosto de cigarro feito de papel velho tragado após uma gripe. Engraçado como o vício é sempre desagradável em sua primícia.

Mais tarde outro casarão antigo. Este assentado em sapata alta e correndo ao longo da rua, como se não quisesse ter fim. Em meu quarto de adolescente, o piso era de tijolo. Tijolo vermelho e áspero. Da janela divisava pés de pinha, as atas de minha juventude. Pela porta principal, em madeira de lei rústica, quase não consegui entrar na primeira bebedeira, dia em que provei o amargor da primeira ressaca. Ali sonhei o primeiro amor. Era uma morena e usava vestido de *faille*. Apesar de sua morenice aninhava sardas no rosto e uma total insensibilidade à minha emoção.

Ah, os velhos casarões de nossa infância! Lugar onde os pés jamais pisarão de novo com passadas iguais às de criança inquieta que fomos! Velhas casas de pintura desbotada, portas rústicas e altíssimas cumeeiras. Patrimônios irredutíveis de nosso *début* emocional de impossível retorno. Mas para que voltar? O que buscar? E, no entanto, somos todos docemente coagidos pela memória a sonhar com a reedição daquele sabor e cheiro da infância e juventude. Temos o hábito de nos debruçar sobre as recordações desses prédios, porque geralmente foi lá que repousamos os membros ainda jovens, a alma descansada, o coração novo em folha. Esse processo de lembrar ocorre como se alguém tivesse esquecido de nos vacinar contra um tão insuspeito quanto penoso prêmio de lembranças passadas. Nada, porém, se pode

¹ Crônica originalmente publicada em O Unitário. Ceará, 9 jan. 1970.

esperar desses velhos casarões a não ser um inesperado e inexplicável esfriar sangue na espinha² (Costa, 1982, pp. 49-50).

Em um desses casarões, fez sua residência (Figura 2). Enquanto a vida em família nela se desenrolava, Lustosa da Costa alimentava seus conhecimentos sobre a política, a religião, a cultura e os costumes sociais sobralenses. Localizado em ponto geográfico estratégico, em uma das esquinas mais elegantes e simbólicas de Sobral, as dezenas de portas e janelas desse casarão apresentavam-lhe, por dentro e por fora, mundos diferentes e em ebulição.

Morei em um sobrado que hoje abriga o Bispo e o Museu Diocesano. (...) De suas janelas assisti a muitas procissões. Nas varandas eram colocadas toalhas amarelas, visual retido até hoje em minha memória. Na festa da chegada dos “pracinhas” sobralenses, a cidade engalanou-se para aguardá-los. Depois fui com meu pai à festa de um amigo seu, que mandara dois filhos à Itália – um deles retornara com uma perna mecânica. Eu a vi! Um deles, seguindo tradição da família, mais tarde se converteria no rei da pecuária de Minas.

No velho sobradão eram apresentadas peças do Grupo Cênico Sobralense. Meu pai integrava o grupo de dirigentes. Recordo-me de Joaquim Anselmo, o flautista, de Clotário Aguiar, o alfaiate, de Hugo Viñas, o farmacêutico de ascendência espanhola.

O palácio do bispo, onde residíamos, estava situado à Avenida Senador Paula, na esquina com a praça São João, local do Cineteatro do mesmo nome, cuja construção foi iniciada na seca de 1877. Foi lá no São João que assisti ao meu primeiro filme. Creio que era alemão. Dormindo, voltei para casa carregado nos braços do hoje cartorário e atuante dirigente de *Lions*, Edson Almeida.

Às noites na cidade, ouvia-se, da calçada, a amplificadora, com música e discursos que se espalhavam pelas ruas e praças. A praça São João era de parca iluminação devido à pouca força da usina de Oriano Mendes. A alameda da Ema era mais bem aquinhoadada para o passeio dos brancos e ricos. Contava-se que, na década de 20, um rapaz bem nascido fora advertido pelo Delegado de Polícia, por ter passado para o outro lado, reservado ao “footing” dos pobres e pessoas de cor³ (Costa, 1982, pp. 52-53).

Figura 2 - Casarão onde morou Lustosa da Costa e família. Atualmente Museu Diocesano D. José de Artes Sacras e Decorativas



Fonte: autor, 2023.

Em “Cheiro de Sacristia”, Lustosa da Costa relata, até mesmo jocosamente, como seu grande lar se transformou em extensão territorial de encontros do clero da Igreja Católica, dominante na época, e discorre sobre o poder de sua influência religiosa e nos costumes da cidade.

² Crônica originalmente publicada em O Unitário. Ceará, 26 nov., 1969.

³ Crônica originalmente publicada no Gazeta de Notícias, Fortaleza, 3 de jun. de 1973.

Minha casa era fartamente visitada pelos padres, inclusive por um dos dois udenistas do clero [...]. De modo que fui educado ouvindo fuxicos da sacristia. Sempre que apareciam, estendiam-se no papo. Mamãe, logo, cabeceava de sono, mal escorada em sua cadeira de balanço. Meu pai mandava servir água e café à padrecada, interessado em enfronhar-se nos mexericos da igreja. A coisa ia a tal ponto, que o Dr. José Saboia, chamava papai de “Monsenhor Costa”.

O clero, em Sobral, foi sempre rigidamente controlado, política e sexualmente, por Dom José. Não havia, por lá, notícias de Padres Amaros ou de liberdades quaisquer. Tanto assim, que um dos assíduos frequentadores de nossa casa, o padre Francisco Leitão, vigário de Nova Russas, só muito depois da morte do bispo teve coragem de tirar a batina para casar. Esse rigor se estendia, a mais não poder, ultrapassando o umbral da igreja e interferindo nas decisões dos habitantes de Sobral. As esposas de maridos divorciados, por exemplo, recebiam tratamento semelhante ao dispensado às prostitutas. Ai de quem tivesse o azar de casar-se mal! Carregaria a cruz do preconceito da sociedade e da discriminação do clero pelo resto da vida.

Dom José, outrossim, vangloriava-se por não haver nenhum templo de outras religiões na diocese de Sobral. Os raros “crentes” que por lá apareceram, foram escorraçados a pedradas.

Gastei muita tarde de sábado na Conferência dos Vicentinos e muita manhã de domingo participando de enfadonhas reuniões da Congregação Mariana. Assisti a tanta missa em Sobral e, mais tarde, no Seminário de Tianguá e em Campina Grande, que posso considerar-se sócio-remido da Igreja.

Sem risco de erro, considero ter pavimentado e florido meu caminho até o céu, dado o montante de investimentos acumulados, durante essa fase de minha vida, na poupança do além (Costa, 1982, pp. 69-70).

Mas as pessoas crescem, mudam de idade e de vida, amadurecem, procuram alternativas para novas experiências espaciais. Lustosa da Costa deixou Sobral impregnado de sua afetividade. Como adulto e profissional, teve que seguir novos rumos, mas Sobral foi impiedosa em um bom sentido. Mesmo longe da cidade, ambos jamais deixaram de se experienciarem, de se reencontrarem espacialmente, procurando em simbiose reviver ou renovar os afetos nostálgicos de quando menino, mesmo um pouco frustrado após habitar outros territórios quando adulto. Não seria demasiado pensar em sua vontade de inserir-se na síndrome de Peter Pan dos afetos, não como a patologia do ser masculino em querer se manter uma eterna criança, porém o forte desejo, pelo menos momentâneo, de não se tornar adulto e perceber arrefecerem-se as nostalgias de infância e adolescência.

De quando em vez vou a Sobral, onde passei a infância e a adolescência. Sou, como já devem ter notado, mordido por fundas nostalgias. Desta feita, visitei o sobradão do Museu Diocesano que habitei logo ao chegar à cidade – casarão enorme com quarenta e tantas portas e janelas. Fui cotejar as imensas paredes com o olhar maduro, não mais encontrando as dimensões da meninice. Como é exagerada nossa visão infantil! Tudo mais alto e mais bonito! Ou talvez sejam as traições da memória. Com o passar do tempo ela vai polindo nossas recordações, daí os exageros que o adulto, melancolicamente, desfaz nesses retornos (Costa, 1982, p. 97).

As crônicas de Lustosa da Costa demonstram-no como ser um geógrafo vernacular mais amplo, ao unir saberes tanto da geografia humanista quanto da geografia cultural, considerando que a geografia humanista seja uma geografia cultural “especial”, de acordo com Lévy (1997, p. 28), pois, segundo ele, ambas incorporaram as atitudes, os comportamentos, as crenças, os símbolos, os sentimentos, os afetos, as vontades, os quais são fenômenos internos ao ser. Em outras palavras, Lustosa da Costa liga sua existência a outras experiências espaciais envoltas nos saberes constituídos pelos grupos e pela sociedade em geral. Desta forma, afirma-se que a conjunção geografia/literatura cronista é uma forma de escrever e descrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que, em parte, (re)imaginado, (re)elaborado, (re)criado (Cavalcante, 2019).

Lustosa da Costa aprofunda sua existência, melhor dizendo, desdobra-se em revelar a cidade de Sobral em relação ao seu mundo vivido e de vida. Suas crônicas explicitam o mundo no qual teve oportunidade de viver, elucida as tramas intersubjetivas e sociais tanto como personagem quanto as de outros personagens os quais lhe estavam próximos ou mantendo relações diretas. Elas especificam valores possíveis da literatura, entre eles a profundidade, a qual “[...] se situa justamente em sua capacidade de tornar explícito o universo do eu individual e da intersubjetividade” (Lévy, 2006, p. 34). Assim, ele manifesta de forma latente que sua geografia afetiva sobre Sobral transcorreu sem limites ao deixar

em suas crônicas a profundidade exigida, de tornar explícito seu eu individual interior mergulhado na intersubjetividade.

A dimensão afetiva da experiência de Lustosa da Costa na cidade que o adotou é simplificada em depoimento cuja profundidade revela a mais pura relação de cumplicidade: “Para mim, Sobral não é meramente uma cidade, e sim, uma lembrança amiga. Recordação daquela que me pegou criança e me devolveu adolescente a Fortaleza. Sou assim, cultural e sentimentalmente, sobralense” (Costa, 1982, p. 72).

O GEÓGRAFO VEICULAR, A DIMENSÃO AFETIVA DA EXPERIÊNCIA E A GEOGRAFIA HUMANISTA DE SOBRAL

Apesar de ter formação acadêmica em Geografia, Raimundo Freitas Aragão considera de suma importância a sua condição de geógrafo vernacular. Ele acredita ser improvável uma separação e está de acordo com o também geógrafo Jérôme Monnet (1999) sobre as estreitas relações entre geografia vernacular e veicular. Por essa razão, para além de suas experiências ao longo da vida em Sobral, as quais terão como suporte a geografia humanista, serão explorados detalhes e momentos necessários da elaboração espacial de sua essência vernacular.

Autor clássico e incentivador da geografia humanista, Eric Dardel (2011) é mencionado como o estudioso do espaço que primeiro utilizou o sentimento afetivo para ligar o homem e a terra de maneira explícita no discurso geográfico. Ele junta as relações humanas, considerando a não separação do mundo exterior do mundo interior, do não isolamento da objetividade para com a subjetividade, e as toma na perspectiva fenomenológica. Dardel deixou uma marca poética e literária em seu legado geográfico (Lévy, 2006). Para o próprio Dardel (2011), viver na terra requer os seguintes critérios: criar internamente uma intenção, promover um projeto e intuir uma finalidade para se chegar à geograficidade. A geograficidade exige, portanto, um se orientar, um autorreconhecimento, um saber se deslocar etc. Além de tudo isso, um lugar de existência, componentes inseparáveis da experiência geográfica. Para mais do seu valor de uso, ele invoca um valor afetivo. É a partir da base desses critérios que o geógrafo discorre sobre algumas experiências de vida sobre sua terra natal, Sobral, como muito bem fez Lustosa da Costa em suas crônicas. Esta geografia humanista será apresentada a partir da própria dimensão da experiência espacial urbana.

A dimensão afetiva da experiência espacial de Damery (2008) em relação à cidade de Sobral e com a qual ele continua mantendo forte conectividade constitui o que Yi-Fu Tuan (1983, p. 9) designa como perspectiva experiencial: “Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras viriam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”.

A forma humanista fenomenológica da perspectiva experiencial de produzir o espaço enfatiza a existência do ser e, sendo ontológica, esse ser debruça-se internamente sobre seu conhecimento e suas experiências, procurando um sentido de vida social e simbólica, objetiva e subjetiva do lugar e da sua paisagem. Atitudes, sentimentos, emoções, comportamentos e valores são alguns dos componentes apropriados pela geografia humanista, quer dizer, valores intrínsecos ao eu e o mundo, do eu com os semelhantes (Dardel, 2011). É uma mudança de paradigma, do “TU/ISTO” para o “EU/TU”, tendo o segundo como relação recíproca, a convivência do homem com a terra (Raffestin, 1989).

Portanto, e antes de tudo, o geógrafo primeiramente resgata sua existência de infância, período de construção de sua geografia vernacular, pois foi nessa fase de vida em que construiu e absorveu todo conhecimento restrito a espaços delimitados onde morou pela primeira vez, espaços estes circunscritos aos seus primeiros caminhar como um ser em formação. A geomorfologia, a paisagem construída e natural, as pessoas desses espaços se transformaram no núcleo afetivo de sua existência infantil. Ainda não havia, conseqüentemente, apreendido o que era uma cidade e sua complexidade de ruas, bairros, praças e vidas em ebulição. Foi nesses espaços que começou aos poucos a obter o conhecimento do desconhecido, do alcançar o inacessível e a registrar pela primeira vez o que se entende por topofilia (Tuan, 1980), o amor à terra, ao solo natal, a relação concreta e direta entre o eu e o ser-no-mundo, em outros termos, a percepção, as atitudes e valores com o meio ambiente o qual o rodeava. Foi na infância que, sem ainda ter se apercebido completo, construiu as primeiras geograficidades de existência e destino.

Rememorando, de forma relativamente viva, o passado, ele discorre sobre a casa e rua onde nasceu (Figura 3), denominada Monsenhor José Ferreira, popularmente conhecida como rua do Feijão localizadas a poucos metros do rio que corta a cidade ao meio, o Rio Acaraú. Apesar de criança, diz ele, as lembranças dos trajetos, das experiências espaciais e as primeiras existências foram quando experimentou a dimensão espacial inicial dos lugares com os quais conviveu e que lhe deram norteamento espacial. Comenta que a geograficidade infantil, por intermédio da experiência espacial, presentifica a cristalização das ações e brinda o presente com a afetividade cada vez mais latente. As experiências espaciais positivas do passado distante fizeram-no renovar suas expectativas afetivas no presente com perspectivas melhores para o futuro.

Embora não tenha tido ainda conhecimento o bastante para produzir um discurso formal eloquente, devido a sua tenra idade, as representações de saberes vernaculares desses ambientes já lhe ensinavam, ainda de forma sutil, o que era um ser vivente. A casa onde despontou para a vida era o apoio ao mundo exterior, um ninho guardião simples, aconchegante pela força familiar, lembra ele, demonstrando um carinho que ainda parece não se arrefecer. Não era a única criança a experimentar seus espaços internos, pois tinha irmãos e irmãs, além dos pais. Em suas dependências, sentia-se seguro e essa segurança o desafiava a desbravar o mundo exterior. Foi nestas saídas ao exterior que começou a conhecer o desconhecido e a descobrir o primeiro sentimento que marcou esta fase: o sentimento de medo ao desbravar a rua. Havia, e ainda hoje há nessa rua, conta ele, um casarão o qual, como nas lembranças de infância de Lustosa da Costa, parecia gigante em tamanho, porém aterrorizante em simbologia.

A população local, inclusive componentes hierárquicos maiores da Igreja Católica local, já tinha tido a informação de que o casarão era mal-assombrado, daí incursões dos religiosos nele haviam ocorrido com o intuito de desvendar o que de sobrenatural acontecia em seu interior (Vasconcelos, 2019). O geógrafo acreditava piamente nos causos contados e o tempo não foi capaz de desfazê-los. Lembra que, mesmo durante o dia, evitava passar por sua calçada com medo de olhar pelos gradeados do portão e ver alguma alma, as panelas batendo, ouvir vozes e observar coisas flutuando.

Figura 3 - Casa onde o geógrafo nasceu e a partir da qual iniciou suas primeiras experiências espaciais limitadas à rua e ao rio



Fonte: autor, 2020.

Foi assim que a rua proporcionou a construção de seu primeiro roteiro de localização, uma geografia vernacular espacial de posicionamento. Como essa rua era pequena, o casarão funcionava como ícone central, pois estava situado em frente à casa onde morava, não havia como se perder. A rua foi responsável também pelos primeiros laços de convivência para além do familiar. Com a vizinhança, fez as primeiras amizades, mas poucas ficaram na memória, como a professora que lhe ensinou a escrever o alfabeto. Algumas perduram até hoje, apesar de pouco contato.

A rua dava acesso direto ao rio. Ficava a poucos metros e era observável a partir do seu final. Não incutia medo, foi *locus* de lazer e de experiência espacial preferido. Perdem-se em suas lembranças as vezes em que se banhou e pescou em suas águas ainda límpidas, rio ladeado de mata ciliar exuberante. Recorda-se de suas peraltices ao dizer que saltava do alto das árvores conhecidas como oiticicas, utilizando seus altos galhos como trampolim. Pulava de ponta-cabeça, sem noção de perigo.

Suas lembranças do rio são bem representativas. Para ele, havia uma ligação harmoniosa que trazia à mente momentos de trocas existenciais: rio de águas da sua e de outras vidas, rio que abastecia parte da população com água potável, da vida dura das lavadeiras cujas roupas estendiam às suas margens e sobre areias branquinhas. O odor das roupas, depois da lavagem, seduzia o olfato mais apurado. Atividade árdua, realizada com alegria, pois era a partir dela que se obtinha o alimento à mesa no dia seguinte. Rio dos canoieiros (Figura 4) que sustentavam suas famílias atravessando moradores de um lado a outro ao longo do dia sob sol escaldante ou chuva. Rio onde pousavam para se alimentar pássaros e animais diversos. Muitos muares eram conduzidos para banho, como faziam os donos de carroças, meios de transporte à época muito comuns de se contratar para fazer fretes.

Rio em cujas margens moravam famílias as mais desafortunadas, violentadas durante as enchentes até menos severas. E rio das grandes enchentes que engoliam a cidade pela metade, trazendo transtornos diversos a todos sem restrição social. Todas essas paisagens lhe eram comuns nos tempos de criança e hoje permanecem fixas à memória. Elas formalizaram em sua mente o contorno de como se desenrolava o cotidiano de uma parte da cidade e sua realidade.

A casa onde nasceu, a primeira rua onde morou e o rio dos primeiros deleites se transformaram em símbolos iniciais afetivos e marcaram uma breve existência. Representaram elementos centrais de descoberta de mundo e de ser-no-mundo. Nascia, desse modo, para ele, interna e intimamente, uma geografia vernacular humanista elementar.

Figura 4 - Canoieiro transportando moradores de um lado ao outro do Rio Acaraú, atividade em via de desaparecimento, paisagem que remonta memórias difíceis de serem apagadas



Fonte: autor, 2020.

Durante os estudos em escola formal, havia mudado de residência algumas vezes. Foi quando se ampliaram os territórios a serem desbravados por ele sozinho e uma nova forma de ver o mundo foi desencadeada. A antiga casa, a rua e o rio ficaram menores, os novos roteiros de experiência espacial casa-escola formal deram a ele chances de novas descobertas e, além de geográficas, muitas foram pedagógicas, de longo aprendizado. Os afetos ficaram mais nítidos e fortes, expandiram-se. As novidades proporcionaram ao futuro geógrafo acadêmico a oportunidade de um novo olhar físico e emocional sobre a cidade. Físico por lhe dar conta de uma cidade de exuberância arquitetônica e espacialmente notável, e isso despertava muita atenção. E emocional, pois as novas sociabilidades

faziam-no flutuar na imaginação. A cidade se apresentava diferente para quem já estava amadurecendo na missão escolar (Figura 5).

Para ele, Sobral é daquelas cidades que não se consegue esquecer. É uma cidade de detalhes para quem mergulha em desbravamento para novas descobertas, ideal para um *flaneur* desenvolver sua criatividade ao percorrê-la. É uma cidade de monumentos a partir dos quais se pode simbolizar e imaginar e assim aprendeu a vê-la. Segundo ele, a cidade tem uma propriedade intrínseca, a de permanecer na memória tanto de quem nela nasce quanto na memória de um forasteiro que nela vai constituir residência e se “naturaliza” cultural e sentimentalmente. O cronista Lustosa da Costa é sua testemunha ocular, de experiência espacial de vida e de afetividade, afirma.

Figura 5 - Prédio no qual funcionou a Escola Municipal Dr. João Ribeiro Ramos e onde o geógrafo iniciou vida escolar formal



Fonte: autor, 2020.

A sucessão de casarões de variados estilos, muitos admiráveis, e sobrados majestosos demonstrando beleza e raridade se tornaram peças fixas em sua memória afetiva (Figura 6). Muitas vezes, quando a caminho da escola, ficava conjecturando a quem pertenciam, como eram seus interiores e como eram as vidas particulares de seus proprietários. Já tinha ouvido dizer que eram de famílias tradicionais em alusão a posses e à posição na escala social, industriais, políticos e grandes comerciantes, perfis decantados dos mais ricos. Até hodiernamente são raros aqueles aos quais teve acesso e sentiu o clima familiar, a exemplo do casarão onde morou Lustosa da Costa, atualmente museu diocesano.

Destaca a cidade com seus pináculos sagrados católicos a perder de vista (Figura 7). Não importa o ponto onde o observador esteja, eles dominam a paisagem celeste como ícones patrimoniais permanentes e como dedos divinos apontando ao firmamento. A caminho das escolas nas quais estudou ou a outros lugares para os quais direcionava-se rotineiramente, havia uma igreja católica com suas torres a persegui-lo, torres solitárias ou torres em duplas, de formas e estilos arquitetônicos diferentes. Algumas se tornavam tão altas que pareciam tocar os céus tais como flechas apontadas ao divino.

Ele chama a atenção sobre suas proezas relatando as vezes em que, de algumas delas se aproximava, intencionalmente com a finalidade de desafiar suas íngremes dimensões angulares, apontava os olhos para seus cimos, com o objetivo de ter a sensação de que tais pináculos andavam no ar, e os quais remetiam-lhe a sensação de que se desdobrariam sobre a própria cabeça, pois, com a passagem das nuvens, a percepção de queda era iminente. Essa ilusão de óptica se transformava em poderoso terremoto psicológico, enganando seu próprio sistema cognitivo, quando chegava a questionar: o que estariam se movendo, as torres ou o céu?

Esse conjunto peculiar de lugares físicos e, ao mesmo tempo, simbólicos, estava estruturado em conjunção apesar de suas especificidades. Eles exerciam uma geograficidade particular, pois

existencialmente, constituíam-se de elementos transformativos de sua essência como humano, de compreensão maior de vida na cidade e de seus elementos paisagísticos ou formas simbólicas.

Figura 6 - Exemplo de arquitetura imponente de Sobral. Antiga residência episcopal transformada em Instituição de ensino privado em 1934 (Colégio Sant'Ana)



Fonte: autor, 2020.

Não somente seu corpo estava lá exercendo sua espacialidade concreta. Ele era tanto animado quanto animador desses lugares, pois podia imaginá-los e simbolizá-los. Viver é transformar e ser transformado e os lugares são poderosos agentes colaboradores.

Figura 7 - 1) Igreja de São Francisco. 2) Matriz de N. S. da Conceição. 3) Igreja do Patrocínio. 4) Igreja de N. S. das Dores. 5) Igreja Sagrado Coração de Jesus. 6) Igreja do Rosário dos Pretinhos. 7) Igreja N. S. das Graças. 8) Igreja N. S. da Saúde, 9) Igreja do Menino Deus, 10) Capela anexa ao antigo Colégio Sobralense. 11) Igreja de São Pedro. 12) Igreja de São José.



Fonte: autor, 2020.

Relata que, a partir do momento em que suas experiências espaciais tomavam formas mais eficazes, o seu habitar também fugia da residência. A cidade em sua completude se transformou em segundo lar. Ela devolveu o afeto que sentia, como uma grande mãe em lar seguro e isso se explica pelo motivo de ainda não ter saído de seu ventre e se desgarrado para outras paragens. Ele pondera ser por isso o sentido da cidade, em sua amplitude, como próprio lar. Essa condição de conexão fazia com que se sentisse um ser-no-mundo interligado à cidade em sua totalidade. Tudo isso porque já tinha um projeto de vida e de uma finalidade, reconhecia-se como membro de uma sociedade, sabia orientar-se em deslocamentos sem perder as referências espaciais e, além de tudo, a cidade, que estava para além de um valor de uso, assegurava-lhe um valor afetivo inestimável. Tinha conseguido construir, na totalidade, a geograficidade em detalhes.

Hoje, o geógrafo Raimundo Freitas Aragão compreende Sobral como sua obra de arte preferida, porém, em construção permanente e na qual se veem como espelhos a reproduzirem imagens refletidas, componentes definitivos da produção da paisagem. Considera-se, ao mesmo tempo, seu elaborador e espectador e não a constrói para si próprio. Ela, a cidade, não é uma coisa-em-si finalizada, é um contínuo vir-a-ser; da mesma forma, ele como pessoa. Após ter saído de Sobral para morar em Fortaleza, onde se graduou em Geografia, sempre quando a ela retorna, rememora as reflexões de Lustosa da Costa sobre a contaminação nostálgica, a picada da melancolia infantil, as quais exacerbam as visões de mundo, de existência e considera-as reais e intensas. Concorde que o olhar mais maduro contamina deveras o olhar espacial e de vida, mas não coloca tudo a perder quando o adulto, mesmo já inserido no mundo do conhecimento acadêmico, não deixa de ser um pouco criança. As cidades lares não deixam de ser grandes mães em relação a seus eternos filhos quando a experiência espacial se nutre de afetividades e novos horizontes afetivos se abrem para serem desbravados. Argumenta que, se ele é nostálgico, isso significa que ainda não abandonou a afetividade infantil. Não há meios de ela desmoronar por completo. Observando a cidade sendo transformada quando a ela retorna, resta poli-la com novos imaginários e simbologias, como faz o artista com sua obra de arte, até um roteiro final, se assim ambos permitirem. Ele insere sua obra de arte, Sobral, nas páginas de seu livro autoral, pois nelas estarão à mostra lembranças, afetos, imaginários, dúvidas, simbolismos e esperanças. Nelas estarão projetadas suas existências, mesmo que (re)modeladas.

No caso de Lustosa da Costa, este escreveu crônicas. Então, mesmo sem se dar conta, construiu uma geopoética afetiva pessoal e do espaço sobralense. Suas crônicas literárias fazem parte de uma poética do mundo por ele decifrada. De criança à adolescência, quando teve que retornar à capital Fortaleza, Lustosa da Costa construiu uma geografia vernacular afetiva para o resto da vida e para além dela, inabalável e, sobretudo, fiel.

Como o rio que corta a cidade, Lustosa da Costa segue perene na paisagem da cidade, primeiramente com a construção da Biblioteca que recebeu seu nome, a “Biblioteca Municipal Lustosa da Costa”, depois nas águas do Rio Acaraú, onde parte de suas cinzas foram, a pedido dele, lançadas. Rito de passagem ocorrido em outubro de 2012 após seu falecimento. Por isso, Lustosa da Costa não morreu, estando vivo em suas crônicas e flutuando sobre as águas do rio. Um leitor mais atento poderia perguntar a ele como está sua permanência definitiva na cidade e seus roteiros urbanos afetivos metafísicos.

Quanto ao geógrafo, este segue recriando afetividades por Sobral, renovando-as por intermédio das experiências espaciais com suas idas e vindas à cidade, o que costumeiramente acontecia com Lustosa da Costa em vida. Lustosa da Costa e ele aprenderam a tratar Sobral com uma afinidade mútua, isto é, apropriaram-se dela como uma questão existencial de uma relação EU/TU recíproca, a convivência íntima do homem com a cidade, da mãe com seus dois filhos em estatutos e existências diferentes.

Os dois, ao interconectarem saberes comuns e acadêmicos para a partir deles desvelar os afetos humanos no urbano, evidenciaram uma geografia afetiva comum, a da experiência do espaço. Por intermédio da junção entre geografia vernacular e geografia veicular, formaram-se espacialidades existenciais indicando o valor geográfico do ser-no-mundo.

A geografia poética vernacular de um literato cronista e a geografia humanista de um graduado na referida ciência compartilham afetos de acordo com suas sensibilidades, que não estão encerradas em si mesmas. Crônica literária e geografia veicular se entrecruzam a partir de experiências particulares amalgamando acontecimentos íntimos. A geografia vernacular da literatura e a geografia veicular dos conceitos acadêmicos sedimentam memórias afetivas em comum no mesmo espaço urbano. As realidades espaciais concretas, as memórias, simbologias e os afetos construídos por Sobral são partes

integrantes das articulações possíveis entre licença poética de um cronista urbano e geograficidade de um graduado de viés humanista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os entrelaçamentos entre literatura cronista (geografia vernacular) e a ciência do espaço (geografia veicular) se amalgamam para a compreensão dos seres territorializados no planeta. Não se trata aqui, neste estudo autobiográfico, de compreender somente vidas correlatas no sentido da paisagem física oferecida pelo olhar, mas, principalmente, ligações existenciais, cujos sentidos carregam familiaridades interligadas, imaginadas no mesmo espaço vivido. Não é possível considerar a literatura isolada plenamente da geografia, pois nela está envolto o espaço do ser, como também não se pode isolar totalmente a geografia da literatura, pois ela é construída a partir da discussão humana sobre o mundo. Ambas são existenciais, assim consolidam a apropriação do espaço, e os homens são os principais protagonistas.

Foi possível observar que os afetos confluem para além das espacialidades concretas e das coisas visíveis apresentadas nos saberes vernaculares e veiculares expostos na experiência espacial. As conexões afetivas entre os personagens, construídas nas sensações corporais durante suas vidas na cidade, advêm dos trajetos imaginativos existenciais, que vão para além dos sentidos espacializados concretos.

Para uma fusão real e integral aos geógrafos profissionais, acredita-se que “[...] outras geografias podem ser descortinadas a partir de geógrafos não profissionais, de sujeitos que de um modo ou de outro também contam o mundo a partir de suas vivências e experiências. A cidade [de Sobral], nesse contexto, pode ser apreendida a partir de qualquer ponto de vista” (Cavalcante, 2020, p. 196). A obra do cronista e as descrições do geógrafo fazem aparecer novas geografias lançadas e despertadas em forma distintas, porém não distantes. Ambos, o cronista e o geógrafo, evoluem, complementam-se em roteiros existenciais e ampliam-se geograficamente por força das experiências espaciais na cidade de suas vidas particulares. Cidade esta, herdada ou nascida, responsável por deixá-los inter cruzar entre saberes e afetividades, sem restrições.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, L.H. **Itinerário de Lustosa da Costa**: causos e trajetórias. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.
- ARAGÃO, R.F.; ROCHA, M.S. Marcações espaciais como legados patrimoniais e políticas públicas culturais de musealização na cidade de Sobral – Ceará. **Revista Percurso**, v. 11, p.21-41, 2019.
- ARAGÃO, R.F.; ROCHA, M.S. O triunfo sertanejo de um símbolo: o “Arco do Triunfo” em Sobral/CE como centralidade simbólica. **Revista Historiar**, v. 13, n. 24, p. 153-178, 2021.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAVALCANTE, T. V.. Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, v. 16, p. 191-201, 2020. <https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.12100>
- COSTA, L. da. **Sobral do meu tempo**. Brasília: Editora do Senado Federal, 1982.
- COSTA, L. da. **Vida, paixão e morte de Etelvino Soares**. São Paulo: Maltese, 1996.
- COSTA, L. da. **Foi na seca de 19**. Fortaleza: Editora ABC, 1999.
- COSTA, L. da. **Clero, Nobreza e povo de Sobral**. Fortaleza: Editora ABC, 2004.
- DAMERY, C. **Espace public, patromoine et milieu affectif**: exemple du Marais d’Orx et du Domaine d’Abbadia. 2008. 501f. Thèse (doctorat) de l’Université de Pau et des pays de l’Adour. Institut de Recherche sur les Sociétés et l’Amenagement. École Doctorale Sciences Sociales et Humanités. Sociétés, Environnement et Territoire, France, 2008.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LÉVY. B. Géographie culturelle, géographie humaniste et littérature: Position épistémologique et méthodologique. **Géographie et cultures**, v. 21, p. 27-44, 1997.

LÉVY. B. Géographie et littérature: une synthèse historique. **Le Globe. Revue genevoise de géographie**, v. 146. p. 25-52, 2006. <https://doi.org/10.3406/globe.2006.1513>

RAFFESTIN. C. Théorie du réel et géographicit . **Espaces Temps, Géographie,  tat des lieux. D bat transatlantique**, v. 40-41, p. 26-31, 1989. <https://doi.org/10.3406/espat.1989.3454>

ROCHA. M.S.R.; ARAGÃO, R.F. **O eruditismo cultural masculino em Sobral-Ceará (1880-2020)**. Revista Latino-Americana de Geografia e G nero, v. 11, p. 237-261, 2020. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.11.i1.0013>

SANTOS. A.C.N. **Os mecanismos enunciativos do ensino g nero cr nica (Caderno pedagógico)**. Desenvolvido como parte da Disserta o, 131 f. (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2016.

SARAMAGO. J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

SOBRAL. **Sobral Patrim nio Nacional**. Edi o Prefeitura Municipal de Sobral. 2000.

SOBRAL. **Sobral Solar**. Prefeitura Municipal de Sobral. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014.

TUAN. Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da Percep o, Atitudes e valores do Meio Ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN. Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradu o de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELOS. J.W.C. **A casa mal assombrada**: Sobral a cidade princesa. In: Web artigos, 29 de janeiro de 2019. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/a-casa-mal-assombrada-sobral-a-cidade-princesa/161221>. Acesso em 25 abr. 2023.

Recebido em: 13/08/2023

Aceito para publica o em: 30/11/2023